

**A ESCALA DE AVALIAÇÃO DO AMBIENTE FAMILIAR  
COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBSERVADOS COM TRÊS VERSÕES  
DA HOME**

**Orlanda Cruz**

Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Isabel Abreu Lima**

Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Sílvia Barros**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

**Patrícia Costa**

Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Cátia Pacheco**

Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Resumo**

A Escala de Avaliação do Ambiente Familiar é a versão portuguesa da *Home Observation for Measurement of the Environment (HOME)*, uma escala construída e revista por Caldwell e Bradley (1984, 2003) para avaliar a qualidade e a quantidade das experiências de estimulação proporcionadas pelo ambiente familiar às crianças. Genericamente, a investigação tem revelado associações positivas entre a qualidade do ambiente familiar e os resultados de desenvolvimento das crianças. O estudo aqui apresentado surge na sequência de um estudo anterior (Cruz, 2006) e tem como objectivo analisar a estabilidade das avaliações da qualidade do ambiente familiar, bem como as características psicométricas dos dados recolhidos através de três versões da HOME (0-2 anos, 3-5 anos e 6-10 anos), aplicadas longitudinalmente em três momentos distintos. No primeiro momento participaram 120 famílias com crianças de 1 a 3 anos, no segundo momento participaram 91 famílias com crianças de 4 e 5 anos e no terceiro momento participaram 78 famílias com crianças de 9 e 10 anos. Para além da HOME, foi recolhida informação acerca do nível de desenvolvimento das crianças nos primeiro e segundo momentos do estudo, através das Escalas de Desenvolvimento Mental de Ruth Griffiths, e da capacidade intelectual das crianças no terceiro momento, através das Matrizes Progressivas de Raven. Os resultados revelam associações da qualidade do ambiente familiar com variáveis do contexto sociocultural das crianças e suas famílias, bem como com os resultados desenvolvimentais das crianças.

A família é o primeiro contexto de socialização e de desenvolvimento da criança e provavelmente aquele que maior peso assume na determinação das trajectórias desenvolvimentais mais ou menos adaptativas das crianças. A análise sistematizada do

ambiente familiar permite aceder ao estudo da influência da família e do subsistema parental no desenvolvimento das crianças.

O inventário HOME é provavelmente a medida de avaliação do ambiente familiar mais utilizada em todo o mundo (Bradley & Corwyn, 2005). Permite avaliar a qualidade e a quantidade de estimulação, suporte e estrutura que são disponibilizados à criança no seu ambiente familiar, bem como a utilização dos recursos existentes na comunidade onde a família está inserida.

Existem quatro versões-base do Inventário HOME: 0 a 2 anos, 3 a 5 anos, 6 a 10 anos, e 11 a 15 anos. Assumindo a necessidade de adaptar as características do contexto familiar às crianças com necessidades educativas especiais, foram elaboradas versões adaptadas das versões originais 0-2 anos, 3-5 anos e 6-10 anos, para crianças com deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência motora e atraso de desenvolvimento. Da mesma forma, as versões para as crianças mais novas – 0-2 anos e 3-5 anos – foram adaptadas tendo em vista a avaliação de outros contextos não formais frequentados por crianças destas idades, como seja a casa de familiares e a casa da ama (Caldwell & Bradley, 2003).

As várias versões da HOME são compostas por diversas subescalas (seis a oito) e por um número variado de itens (entre 45 e 60) de resposta dicotómica (presente ou ausente), preenchidos quer a partir de uma entrevista, quer através de observação directa. À medida que avança a idade das crianças correspondente às diversas versões, aumenta o número de itens preenchidos através de entrevista (um terço para a escala 0-2 anos até dois terços para a escala 11-15 anos), diminuindo o número de itens preenchidos através de observação. De notar que existe sobreposição entre algumas das dimensões avaliadas nas subescalas das diversas versões etárias, assim como entre alguns itens, sendo que os critérios de cotação se tornam mais exigentes em termos quantitativos e qualitativos à medida que se avança da versão para as crianças mais novas para a versão para as crianças mais velhas (cf. Cruz, 2006).

As famílias diferem consideravelmente umas das outras, sendo que essas diferenças são em parte explicáveis pela inserção em comunidades com características distintas. Porém, dentro do mesmo grupo social, existem diferenças substanciais na qualidade do ambiente que as famílias proporcionam às crianças (Bradley & Corwyn, 2005). Este estudo, na sequência do já publicado por Cruz (2006), pretende analisar as diferenças ou as semelhanças observadas longitudinalmente na qualidade do ambiente familiar num mesmo grupo de famílias. Na realidade, apesar dos inúmeros estudos realizados um pouco por todo

o mundo acerca da relação entre a qualidade do ambiente familiar e o desenvolvimento e desempenho da criança, pouco se sabe acerca da estabilidade da qualidade do ambiente familiar ao longo do tempo. Estudos longitudinais com uma versão reduzida da HOME apontam para estabilidade moderada a elevada ao nível das subescalas, e mais pronunciada ao nível da nota na escala total (Bradley & Corwyn, 2003, 2007).

O conceito de estabilidade pode ter dois significados associados (Forehand & Jones, 2002). Por um lado, a estabilidade absoluta, que decorre da comparação dos valores médios para o mesmo grupo em dois ou mais momentos temporais, refere-se à permanência de um comportamento quando este é avaliado ao longo do tempo. Por outro lado, a estabilidade relativa refere-se à consistência da posição ordinal ocupada por um indivíduo dentro de um grupo ao longo do tempo, e é tipicamente avaliada através do cálculo de correlações. Os dois conceitos têm uma existência autónoma, um face ao outro – pode haver estabilidade absoluta e não haver estabilidade relativa e vice-versa.

Constituem objectivos do presente estudo (a) a análise da estabilidade absoluta e da estabilidade relativa dos resultados da nota global da HOME recolhidos em três momentos temporais distanciados entre si por cerca de três anos e (b) a análise das características psicométricas dos dados recolhidos através das versões 0-2 anos, 3-5 anos e 6-10 anos, quando aplicadas à população portuguesa, nomeadamente a validade dos resultados (relação com resultados desenvolvimentais/cognitivos da criança e com a escolaridade das mães). Este estudo insere-se no âmbito de um projecto de investigação mais amplo que seguiu um desenho longitudinal<sup>1</sup>.

## MÉTODO

### *Participantes*

Os participantes do estudo longitudinal variaram em número ao longo dos três momentos de recolha de dados. Assim, no primeiro momento (M1) foram observadas 120 mães de crianças com idades compreendidas entre os 14 e os 49 meses ( $M = 26.19$ ,  $DP = 7.07$ ). As crianças - 60 meninas e 60 meninos – foram seleccionadas aleatoriamente a partir de 30 salas de creche pertencentes a 15 instituições educativas localizadas na área metropolitana do Porto. As mães tinham em média 31 anos de idade

---

<sup>1</sup> A administração da versão HOME 0-2 anos decorreu no contexto do projecto *A qualidade das interações da criança em contexto familiar e de creche e o seu impacto no desenvolvimento socio-cognitivo da criança*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCTI / PSI / 35207 / 2000) e a administração da versão HOME 3-5 anos decorreu no contexto do projecto *Estudo longitudinal do envolvimento e da adaptação*, também financiado pela FCT (POCTI/PSI/58712/2004) e que constitui o segundo momento de recolha de dados das crianças e famílias observado no primeiro estudo referido. O terceiro momento desta investigação, no qual foi administrada a HOME 6-10 anos, foi financiado pela FCT através do Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

( $DP = 5.30$  e  $10.83$  anos de escolaridade ( $DP = 4.47$ ). As crianças apresentavam um quociente de desenvolvimento (QD) médio dentro da norma ( $M = 103.56$ ,  $DP = 9.87$ ), tal como é avaliado pelas Escalas de Desenvolvimento Mental de Ruth Griffiths (1986). No segundo momento (M2) foram observadas 91 mães de crianças – 76 que integraram o primeiro momento de observação e 15 seleccionadas com o objectivo de substituir as que, por diversos motivos, não puderam colaborar. As crianças – 48 meninas e 43 meninos – tinham em média 68.92 meses de idade ( $DP = 5.54$ ) e continuaram a apresentar um QD médio dentro da norma ( $M = 98.32$ ,  $DP = 10.92$ ). Finalmente, no terceiro momento (M3), foram observadas 78 mães de crianças – 40 meninas e 38 meninos – de 8 a 10 anos ( $M = 118.77$ ,  $DP = 3.82$ ), sendo que todas elas já haviam sido observadas pelo menos num dos momentos anteriores. As crianças foram avaliadas através das Matrizes Progressivas de Raven (1956) – forma estandardizada, tendo obtido uma nota bruta média de 29.35 ( $DP = 4.96$ ).

Para efeitos do estudo da estabilidade, foram incluídas nas análises apenas as 57 mães que participaram simultaneamente nos três momentos de recolha de dados. Ao comparar as características destas mães (escolaridade) e dos seus filhos (sexo, idade cronológica e quociente de desenvolvimento) com as mães e as crianças que participaram apenas em um ou dois momentos, verifica-se que estes dois grupos apenas se distinguem no QD avaliado no primeiro momento, ou seja, as crianças com avaliações da HOME nos três momentos têm um valor médio superior no QD (aos 1 a 3 anos de idade,  $M=106.24$ ,  $DP=10.33$ ) quando comparadas com as que só têm avaliações em um ou dois momentos ( $M=101.13$ ,  $DP=8.83$ ),  $t(118)=-2.92$ ,  $p<.01$ . É assim possível afirmar que a sub-amostra sobre a qual se realizaram as análises de estabilidade apresenta características semelhantes ao conjunto dos participantes em cada um dos momentos do estudo.

### *Instrumentos*

#### *Escala de Avaliação do Ambiente Familiar – Inventário HOME*

Foram utilizadas três versões do Inventário HOME (Caldwell & Bradley, 1984; 2003): para crianças até aos 2 anos, para crianças entre os 3 e os 5 anos e para crianças entre os 6 e os 10 anos. A versão 0-2 anos é composta por 45 itens, organizados em seis subescalas que se descrevem de seguida sucintamente (cf. Caldwell & Bradley, 2003; Cruz, 2006). A subescala *Responsividade Emocional e Verbal* (11 itens) diz respeito às verbalizações e interações de carácter afectivo. A subescala *Aceitação* (8 itens) inclui predominantemente itens relativos às práticas de controlo comportamental e disciplinar. A subescala *Organização do Ambiente Familiar* (6 itens) refere-se a características de

organização da rotina da criança dentro e fora de casa. A subescala *Materiais de Aprendizagem* (9 itens) pretende avaliar os brinquedos disponíveis para a criança, bem como a sua adequação desenvolvimental. A subescala *Envolvimento* (6 itens) diz respeito às rotinas de interação mãe-criança, promotoras do desenvolvimento desta. Finalmente, a subescala *Variedade da Estimulação* (5 itens) refere-se ao contacto social com outras pessoas, para além da mãe. É importante referir que os itens das duas primeiras subescalas são cotados predominantemente com recurso à observação da mãe em interação com a criança aquando da visita domiciliária, os itens da subescala *Materiais de Aprendizagem* podem ser cotados tanto por observação como por entrevista, e os itens das restantes subescalas são cotados apenas a partir da situação de entrevista.

A versão 3-5 anos é composta por 55 itens, organizados em oito subescalas que se apresentam de seguida, também de forma sucinta (cf. Caldwell & Bradley, 2003; Cruz, 2006). A subescala *Materiais de Aprendizagem* (11 itens), tal como a subescala congénere da versão 0-2 anos, pretende avaliar a presença e utilização efectiva de brinquedos promotores do desenvolvimento da criança. A subescala *Estimulação da Linguagem* (7 itens) pretende captar as interações verbais mãe-criança promotoras do desenvolvimento da linguagem. A subescala *Ambiente Físico* (7 itens) refere-se às características físicas da casa, sobretudo no que respeita às questões de conforto e segurança que se colocam do ponto de vista da criança. A subescala *Responsividade* (7 itens), à semelhança da subescala congénere da versão 0-2 anos, inclui itens relativos às interações verbais e de afecto protagonizadas pela mãe. A subescala *Estimulação Académica* (5 itens) diz respeito às interações maternas intencionalmente vocacionadas para a promoção das aprendizagens académicas. A subescala *Modelagem* (5 itens) refere-se à tentativa de modelagem de um comportamento desejável socialmente. A subescala *Variedade* (9 itens) pretende avaliar a variedade na qualidade de experiências proporcionadas regularmente à criança. Finalmente, a subescala *Aceitação* (4 itens), tal como a subescala congénere da versão 0-2 anos, diz respeito às práticas disciplinares. As subescalas *Ambiente Físico*, *Responsividade* e *Aceitação* incluem itens cotados predominantemente através da observação; os itens da subescala *Materiais de Aprendizagem* podem ser cotados quer por observação, quer por entrevista; as restantes subescalas foram preenchidas sobretudo no contexto da entrevista.

A versão 6-10 anos é composta por 59 itens organizados em oito subescalas, que, mais uma vez, se descrevem de seguida sucintamente (cf. Caldwell & Bradley, 2003). A subescala *Responsividade* (10 itens), tal como as subescalas congéneres das duas versões anteriores, pretende avaliar as interações verbais positivas protagonizadas pela mãe. A

subescala *Incorajamento da Maturidade* (7 itens) refere-se à imposição de regras e de limites a cumprir pela criança dentro de casa. A subescala *Clima Emocional* (8 itens) pretende avaliar as interações emocionais, bem como a capacidade de auto-controlo emocional da mãe. A subescala *Materiais de Aprendizagem* (8 itens), à semelhança das subescalas congêneres das duas versões anteriores, inclui itens que avaliam a acessibilidade da criança a materiais promotores do seu desenvolvimento. A subescala *Enriquecimento* (8 itens) pretende avaliar a criação de oportunidades para a criança utilizar os recursos existentes em casa e na comunidade. A subescala *Companheirismo Familiar* (6 itens) refere-se ao envolvimento da criança nas actividades de rotina ou lazer realizadas pela família em conjunto. A subescala *Integração Familiar* (4 itens) diz respeito à consistência do grupo familiar, incluindo a participação do pai. Finalmente, a subescala *Ambiente Físico* (8 itens) avalia aspectos semelhantes à subescala congénere da versão HOME 3-5 anos relacionados com a adequação do ambiente da casa e da zona envolvente. As subescalas *Responsividade* e *Ambiente físico* incluem itens cotados predominantemente através da observação; os itens das restantes subescalas são cotados essencialmente através da entrevista.

Em qualquer versão, para cada item existem critérios bem definidos que permitem, com algum treino específico, fazer uma avaliação em termos de presença ou ausência (1 ou 0, respectivamente). Para além da nota global de cada escala, existem notas por subescala, que resultam do somatório das avaliações dos itens respectivos. Os valores mais elevados indicam ambientes familiares qualitativa e quantitativamente mais estimulantes do ponto de vista da criança (cf. Cruz, 2006). Os valores de consistência interna (coeficientes alfa de *Cronbach*) obtidos para as notas globais em cada um dos momentos de aplicação são, respectivamente, .90, .85 e .82. Estes valores são consideravelmente superiores aos obtidos para as notas das subescalas.

#### *Escalas de Desenvolvimento Mental de Ruth Griffiths*

Trata-se de um instrumento estandardizado de avaliação do desenvolvimento da criança que contempla seis domínios: locomotor, pessoal-social, audição e fala, coordenação oculo-manual, realização e raciocínio prático (Griffiths, 1984; Griffiths, 1996). Quando aplicada, no primeiro momento, às crianças entre o 1 ano e os 3 anos, os dados recolhidos revelaram uma consistência interna elevada (coeficiente *alfa* de .82), sugerindo que a nota global (QD) pode ser utilizada com segurança. Relativamente ao segundo momento de aplicação, a consistência interna dos dados mantém um valor bastante razoável (coeficiente *alfa* de .83,  $n=79$ ), o que nos permite, mais uma vez, utilizar o QD com segurança.

### *Matrizes Progressivas de Raven – forma standardizada*

Este teste inclui 36 itens organizados em três blocos com doze itens cada. Dentro de cada bloco os itens estão sequenciados por grau de dificuldade (Raven, 1956). Em cada item é pedido à criança que complete uma figura, escolhendo a resposta de entre um conjunto de alternativas. No conjunto de participantes deste estudo a consistência interna é boa (*alfa* de .89). A nota final de cada criança corresponde à soma dos itens em que a criança obteve sucesso.

### *Procedimento*

*Escala de Avaliação do Ambiente Familiar – Inventário HOME.* O inventário HOME foi administrado numa visita a casa da família, previamente combinada, sendo condição imprescindível que a criança estivesse presente e acordada. Os itens de entrevista foram cotados no contexto de uma entrevista semi-estruturada dirigida à mãe (enquanto principal responsável pelos cuidados prestados à criança) e os itens de observação foram cotados na sequência da visita (cf. Cruz, 2006). As entrevistas e respectivas observações foram realizadas por psicólogos e estudantes de pós-graduação previamente treinados. Todos os itens foram cotados de acordo com os critérios apresentados no Manual (Caldwell & Bradley, 2003).

*Escala de Desenvolvimento Mental de Ruth Griffiths.* Estas escalas foram administradas individualmente às crianças na creche (primeiro momento) e no jardim-de-infância (segundo momento), por investigadores previamente treinados.

*Matrizes Progressivas de Raven – forma standardizada.* Esta avaliação foi realizada por psicólogos previamente treinados, individualmente, numa sala disponibilizada pelas escolas frequentadas pelas crianças para este efeito.

## **RESULTADOS**

Tendo em vista o estudo da estabilidade absoluta, foram calculadas as médias das notas globais da HOME em cada um dos três momentos de recolha de dados. Como o número de itens que integra cada versão é diferente, foram calculadas também as percentagens de itens cotados de forma positiva. O quadro 1 apresenta os valores brutos, resultantes do somatório, bem como os respectivos valores percentuais.

Apesar de existirem valores razoáveis de variância, pode-se considerar que os valores das médias são bastante elevados. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nas notas globais da HOME entre raparigas e rapazes, em nenhum dos momentos.

No que se refere à percentagem de itens cotados positivamente, as médias obtidas no primeiro momento de recolha de dados são mais elevadas do que as obtidas nos outros dois momentos, sendo a diferença estatisticamente significativa entre o primeiro e o segundo momentos,  $t(56) = 2.24, p < .05$ , apesar de o tamanho do efeito ser baixo,  $d = 0.31$ . Não existem diferenças estatisticamente significativas entre o segundo e o terceiro momentos,  $t(56) = -0.83, p = .41, d = 0.11$ , nem entre o primeiro e o terceiro momentos,  $t(56) = 1.72, p = .09, d = 0.24$ .

Quadro 1 - Médias e Desvios Padrão das Notas Globais, Resultantes do Somatório e Percentuais, das Três Versões da HOME (n = 57)

	Notas globais Somatório		Notas globais Percentagem		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max</i>
HOME 0-2 anos (M1)	36.75	7.05	81.68	15.68	40.00 - 100.00
HOME 3-5 anos (M2)	42.60	6.29	77.45	11.43	47.27 - 98.18
HOME 6-10 anos (M3)	46.40	5.69	78.65	9.64	49.15 - 94.92

Tendo em vista o estudo da estabilidade relativa, foram calculados os coeficientes de correlação de ordem zero entre as notas globais da HOME nos três momentos de recolha de dados. Dadas as correlações moderadas entre estas notas e a escolaridade materna (cf. Quadro 3), foram calculados os coeficientes de correlação parcial, controlando a variância relativa a esta variável de acordo com os valores obtidos no primeiro momento de recolha de dados (cf. Quadro 2).

Quadro 2 - Intercorrelações das Notas Globais das Três Versões da HOME Antes (a) e Depois (b) de Controlar a Variável Escolaridade das Mães (n = 57)

	HOME 3-5 anos (M2)		HOME 6-10 anos (M3)	
	(a)	(b)	(a)	(b)
HOME 0-2 anos (M1)	.49***	.29*	.53***	.30*
HOME 3-5 anos (M2)	-	-	.47***	.22

\*  $p < .05$ . \*\*  $p < .01$ . \*\*\*  $p < .001$



A análise do Quadro 2 revela que todas as correlações de ordem zero são estatisticamente significativas, apontando para a estabilidade relativa dos resultados. Depois de controlar a variância relativa à escolaridade das mães, todos os valores diminuem consideravelmente, apesar de as correlações entre a HOME 0-2 anos e as outras duas versões manterem os níveis de significância estatística. Este decréscimo parece indicar que a escolaridade da mãe explica os valores de estabilidade relativa observados.

Apresentam-se de seguida as correlações observadas entre estas notas globais e os anos de escolaridade das mães (Quadro 3), por um lado, e as medidas de desenvolvimento e capacidade intelectual das crianças (Quadro 4), por outro.

Quadro 3 - Correlações entre as Notas Globais das Três Versões da HOME e a Escolaridade das Mães

	Escolaridade das mães		
	M1	M2	M3
HOME 0-2 anos	.62*** (n =120)	.61*** (n =92)	.56*** (n =74)
HOME 3-5 anos	.58*** (n =76)	.65*** (n =91)	.59*** (n =67)
HOME 6-10 anos	.63*** (n =70)	.63*** (n =72)	.70*** (n =78)

\*\*\* p<.001

As associações entre as notas da HOME e a escolaridade das mães assumem valores fortes em qualquer um dos momentos de recolha de dados (cf. Quadro 3).

Quadro 4 - Correlações entre as Notas Globais das Três Versões da HOME e as Medidas de Desenvolvimento e Capacidade Intelectual das Crianças

	QD	QD	Raven
	M1	M2	M3
HOME 0-2 anos	.43*** (n =120)	.33** (n =96)	.52*** (n =76)
HOME 3-5 anos	.14 (n =76)	.24* (n =91)	.37** (n =69)
HOME 6-10 anos	.28* (n =70)	.29* (n =72)	.33** (n =78)

\* p<.05. \*\* p<.01. \*\*\* p<.001

Com exceção da associação entre a nota global da HOME 3-5 anos e o quociente de desenvolvimento das crianças no primeiro momento de recolha de dados, verifica-se a existência de correlações baixas e moderadas em todas as células do quadro 4. Estas correlações são porém mais elevadas no caso da HOME 0-2 anos.

## **DISCUSSÃO**

Neste estudo a qualidade do ambiente familiar de um grupo de crianças portuguesas foi avaliada e caracterizada em três momentos temporais – quando as crianças tinham 1 a 3 anos, 4 a 6 anos e 8 a 10 anos de idade. Recorreu-se para tal às três versões do Inventário HOME adequadas a estas faixas etárias. A análise da consistência interna dos dados obtidos revelou coeficientes elevados para as notas globais.

Ao comparar os resultados médios obtidos para cada uma das versões neste estudo com os resultados obtidos noutros estudos realizados noutros países, verificamos que os valores apresentados neste estudo são mais elevados. Para uma discussão dos dados relativos às versões HOME 0-2 anos e 3-5 anos, consulte-se Cruz (2006). Em relação à versão 6-10 anos, foram obtidos resultados médios mais baixos nos estudos de Bradley, Caldwell, Rock, Hamrick e Harris (1988), com uma amostra norte-americana ( $M = 41.6$ ), e de Burston, Puckering e Kearney (2005), com uma amostra escocesa que possuía alguns indicadores de risco social ( $M = 40.0$ ). Note-se todavia que as mães participantes no estudo aqui apresentado possuem um nível médio de escolaridade superior ao encontrado na população portuguesa em geral. De facto, neste estudo, 42% das mães apresenta um nível de escolaridade superior ao ensino secundário, enquanto que para a população portuguesa com idade superior a 15 anos, essa percentagem era em 2010 de 13.6% (cf. PORDATA).

Do ponto de vista da estabilidade absoluta, é possível afirmar que, à exceção da passagem do primeiro para o segundo momento do estudo longitudinal, em que há um decréscimo estatisticamente significativo da qualidade do ambiente familiar, existe estabilidade na percentagem de itens cotados positivamente. São necessários mais estudos para perceber se aquele decréscimo corresponde a uma característica específica das famílias que participaram neste estudo, ou a uma característica mais global das famílias com crianças nestas faixas etárias. Não deve ser colocada de parte também a possibilidade de o decréscimo na qualidade do ambiente familiar resultar do próprio

instrumento de avaliação, eventualmente mais sensível às características positivas das famílias com crianças nos dois primeiros anos de vida.

Do ponto de vista da estabilidade relativa, verificaram-se associações consistentes de valor moderado que indicam que as mães que promovem a qualidade do ambiente familiar aos 1 a 3 anos tendem a continuar a fazê-lo aos 4 a 6 anos e aos 8 a 10 anos. Os motivos que concorrem para explicar esta consistência ao longo do tempo podem ser diversos, e também aqui estudos mais aprofundados se afiguram como necessários. A associação das notas da HOME com o estatuto socio-económico e com a escolaridade materna, verificada consistentemente nos mais diversos estudos (Bradley & Corwyn, 2003) e também neste, sublinha o papel desta variável na estabilidade relativa das notas. A escolaridade materna está associada a um conjunto de valores, crenças e comportamentos (Hoff, Laursen & Tardif, 2002) que se traduzem em formas específicas de organizar o espaço, os materiais e as experiências quotidianas da criança dentro e fora de casa. Esta associação acontece de forma consistente ao longo do desenvolvimento da criança e permite também explicar, pelo menos parcialmente, a estabilidade na qualidade do ambiente familiar. Outros possíveis factores explicativos, que merecem a atenção da investigação, poderão estar relacionados com a estabilidade de outras características da família, como por exemplo, a estrutura familiar e as condições económicas.

Os resultados obtidos neste estudo são ainda consistentes com os resultados de outras investigações ao demonstrarem a associação dos resultados do Inventário HOME com indicadores de desenvolvimento e de competência intelectual das crianças (Bradley & Corwyn, 1999; Bradley, Corwyn, Burchinal, McAdoo & Garcia Coll, 2001). Verificou-se que as notas da versão 0 a 2 anos apresentam associações mais elevadas do que as outras duas versões, apesar do distanciamento temporal. A boa capacidade preditiva desta versão, também já evidenciada noutros estudos (Bradley, Caldwell, Rock, Barnard, et al. 1989), sublinha a importância da organização dos ambientes e das relações precoces na determinação das competências e desempenhos posteriores. Por outro lado, estas associações constituem também um indicador da validade convergente.

Em conclusão, este trabalho pretende contribuir para o estudo e divulgação do Inventário HOME na população portuguesa. Dispor de um instrumento com características de validade e de fidelidade é fundamental para o desenvolvimento da investigação sobre a qualidade do ambiente familiar e a parentalidade, e seu impacto no desenvolvimento e adaptação das crianças. Do ponto de vista dos profissionais com

funções de avaliação e intervenção em famílias, a HOME é seguramente um instrumento que permite seleccionar e sistematizar a informação relevante, contribuindo assim para a maior eficácia da sua acção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bradley, R. H. & Corwyn, R. (1999). Parenting. In C. Tamis-LaMonda & L. Balter (Eds), *Child psychology: A handbook of contemporary issues* (pp. 339-362). NY: Garland.

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2003). Age and ethnic variations in family process mediators of SES. In M. H. Bornstein & R. H. Bradley (Eds.), *Socioeconomic status, parenting, and child development* (pp. 161-188). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2005). Caring for children around the world: A view from HOME. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 468-478.

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2007). Externalizing problems in 5<sup>th</sup> grade: Relations with productive activity, maternal sensitivity, and harsh parenting from infancy through middle childhood. *Developmental Psychology*, 43, 1390-1401.

Bradley, R. H., Corwyn, R. F., Burchinal, M., McAdoo, H. P., & García Coll, C. (2001). The home environments of children in the United States. Part 2: Relations with behavioral development through age 13. *Child Development*, 72, 1868-1886.

Bradley, R. H., Caldwell, B. M., Rock, S. L., Barnard, K., Gray, C., Hammond, M., Mitchell, S., Siegel, L., Ramey, C., Gottfried, A. and Johnson, D. (1989). Home environment and cognitive development in the first 3 years of life: a collaborative study involving six sites and three ethnic groups in North America. *Developmental Psychology*, 25, 217-235.

Bradley, R. H., Caldwell, B. M., Rock, S. L., Hamrick, H. M. & Harris, P. (1988). HOME observation for measurement of the environment: development of a home inventory for use with families having children 6-10 years old. *Contemporary Educational Psychology*, 13, 58-71.

Burston, A., Puckering, C. & Kearney, E. (2005). At HOME in Scotland: validation of the home observation for measurement of the environment inventory. *Child: care, health and development*, 31, 533-538.

Caldwell, B., & Bradley, R. (1984). *Home Observation for the Measurement of the Environment*. Little Rock, AR: University of Arkansas.

Caldwell, B., & Bradley, R. (2003). *Home Inventory Administration Manual. Comprehensive Edition*. Little Rock, AR: University of Arkansas.

Cruz, O. (2006). A Escala de Avaliação do Ambiente Familiar – comparação dos resultados observados com duas versões da HOME. In C. Machado, L. Almeida, M. A. Guisande, M. Gonçalves & V. Ramalho (Coords.), *XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 673-681). Braga: Psiquilibrios Edições.

Forehand, R. & Jones, D. J. (2002). The stability of parenting: a longitudinal analysis of inner-city African American mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 11, 455-467.

Griffiths, R. (1984). *The abilities of young children* (Ed.Rev.). Bucks: The Test Agency Limited.

Griffiths, R. (1986). *The Griffith's Mental Development Scales, from birth to 2 years. Manual*. The Test Agency. *Development*, 13, 137-155.

Hoff, E., Laursen, B. & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol.2: Biology and ecology of parenting* (2.<sup>a</sup> ed., pp. 231-252). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

PORDATA disponível em: <http://www.pordata.pt/site/>, acessado a 29 de Julho de 2011

Raven, J. C. (1956). *Standard Progressive Matrices - Séries A, AB, B: Manuel*, Issy-les-Moulineaux: PM47-C. Editions Scientifiques et Psychologiques.